



RESENHA

**GONZÁLEZ-FERRÍN, Emilio. A angustia de Abraão: as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. São Paulo: Paulus, 2018, 408p. ISBN 978-85-3494-746-6.**

*Pedro Paulo A. Funari\**

O arabista Emilio González-Ferrín tem se dedicado a uma abordagem ampla, muito além do estudo filológico e filosófico, que engloba os estudos da religião, História, entre outros, sempre com notável erudição. Agora, brinda-nos com um ensaio de interesse ainda mais variado, tanto em termos disciplinares, como por amplitude no tempo e no espaço, do terceiro milênio a.C. ao presente, do Oriente Médio à China, do Norte de Europa à África subsaariana. O professor Pedro Lima Vasconcellos revelou-se o tradutor ideal, tanto por consultar o autor, quanto pelo domínio das inúmeras áreas e temas abordados.

Começamos por apresentar as ideias centrais do ensaio, que podem ser apresentadas em número de seis, como Deus na Criação. Abraão é apresentado como mito fundacional dos três monoteísmos predominantes (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo), cuja delimitação é convencional e arbitrária, pois não podem ser entendidos sem a sua relação mútua. Isso porque propõe substituir a noção mítica de transmissão textual pela de evolução histórica de sistemas religiosos, um estudo racional e científico do fato religioso na História. Introduce o conceito de continuidade retroativa, como a pré-sequência de uma obra fictícia literária ou cinematográfica, uma invenção de tradição. A partir daí, introduz o presente, ao desafiar a noção do Islã como aparição estranha, alienígena, invasiva e intrusiva na História, ao enfatizar ser o resultado de um percurso evolutivo. Conclui que a Antiguidade Tardia (séculos IV-VIII) foi decisiva, ao destacar a convivência de uma infinidade de perspectivas culturais, étnicas e religiosas.

Parte de alguns pressupostos teóricos ou de perspectiva que valem para além do seu objeto de estudo específico. Considera as religiões filológicas, fundadas nos enunciados sacralizados. Diferencia a religião, rica, criativa, flexível, resultado sempre da bricolagem, do sistema religioso, uma partitura, um arrazoado fechado. No estudo deste, o conceito motor é a continuidade retroativa, que molda um relato do passado em benefício de inventário futuro. Para isso, propõe uma abordagem questionadora, que considere qualquer sistema religioso como resultado de confusão, mesclas, ecletismo, adaptabilidade, apego ou resistência ao poder. Enfatiza a utilidade do conceito de

---

\* Professor do Departamento de História da UNICAMP. Contato: [ines\\_granja@hotmail.com](mailto:ines_granja@hotmail.com).

epigênese (*pace* Paul Veyne) ou surgimento de um contexto, não apenas nele. Ressalta como qualquer ortodoxia inventa continuidades retroativas, a posteriori, em uma re-ortodoxização dogmática. Rechaça a catalogação de ocidental do pensamento grego, por sua inevitável interação oriental, ao propor superar a dicotomia leste/oeste. A vida e a história são cenário de improvisação, adaptação, tentativa e erro. A história é sempre circunstancial, submetida aos vaivéns da contingência.

Em termos mais específicos, remonta aos anos 80 d.C. para localizar na reação judaica ao Cristianismo nascente, ao abandonar a Bíblia em grego pela hebraica, com a criação de uma ortodoxia judaizante. Já o Cristianismo ortodoxo está em relação com o movimento batista, o mitraísmo, o culto a Ísis, os gnosticismos. O Islã surge nessa interface e os três sistemas religiosos (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) só se delimitam na Idade Média, após 800 d.C. Atribui ao helenismo a ideia de uno e o credo monoteísta a uma formulação grega (*pace* Chirassi), condição para o monoteísmo, ao indo-europeu a noção de Deus Pai (Júpiter), o dualismo bem/mal, luz/treva no Zoroastrismo persa, misturados pela centrífuga mediterrânea.

Descreve a monolatria hebraica do Deus dos Exércitos (*Javé Sabaot*), o Exílio e o conceito de santidade como separação, distanciamento, a helenização do Judaísmo que consolida o monoteísmo. Este, em ambiente helênico, em Alexandria, cria o conceito de logos, frente ao nous supremo, na preparação da ideia de logos encarnado do Cristianismo, o homem santo (*theios aner*) na gênese do gênero literário dos Evangelhos. A constituição do Judaísmo como sistema religioso exclusivista, surgido da destruição do Templo, em 70 d.C., e da contraposição ao Cristianismo e a outros judaísmos, a partir da reunião de Jabne, coloca em relação esses dois sistemas religiosos em formação, o Judaísmo e o Cristianismo ortodoxos, que só seriam ortodoxia e vencedores muito depois.

Concorda com José María Blázquez ao apontar as causas da crise civilização clássica na feroz exploração das classes baixas. Pondera que o Xiismo relaciona-se mais com o messianismo judeu e cristão do que com o Sunismo, sugere que foi o recuo romano (bizantino) e persa a permitir que as razias árabes fossem perenizadas, a partir de 638. Bagdá (762) surge como *koiné* iraniana e helênica em ambiente semita, tendo o árabe como língua franca de cultura. Note-se que antes de 800 não aparece qualquer referência ao Islã em moedas, data em que, aí sim, se pode falar em Corão e língua árabe, mais de 150 anos depois dos supostos eventos de Maomé. O Islã emanou no substrato de elementos gregos, siríacos e persas, de modo que o Islã é a continuação dos impérios Romano e Sassânida por meio linguístico árabe e persa. A tal ponto, que considera o Islã como a tradução árabe do sonho de Alexandre, o Grande, o que esclarece, em grande parte, o movimento de leitura e tradução dos gregos pelos árabes. O Corão é um texto urbano, cosmopolita, muito posterior, travestido de beduíno (nômade). Conclui que apenas aí (800) surgem três monoteísmos que se definem em relação uns aos outros: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Em obra de grande fôlego, González-Ferrín, a partir da Filologia, traça um panorama complexo, erudito e bem fundamentado das invenções literárias de ortodoxias. A cada passo, objeções podem ser levantadas, como quando afirma que o Edito de

Milão, de 313, concedeu ao Cristianismo a condição de religião oficial do Império Romano, com a transferência de todas as prerrogativas romanas da religião pagã para o Cristianismo (pp. 249-250). A maioria dos estudiosos disputaria essas afirmações, já que o processo foi muito mais longo e matizado, segundo a maioria dos estudiosos. É provável que objeções semelhantes possam ser tecidas a outras tantas afirmações do autor. Por isso mesmo, ele denomina o seu livro como um ensaio, pois está preocupado com o grande quadro, não com o detalhe, com pintar uma situação no geral. O que dizer do resultado: sai o leitor convencido?

Isso dependerá dos próprios pressupostos e valores desses leitores, claro. Poderia dizer-se que a cultura material, a Arqueologia, inclusive a iconografia, seria muito útil tanto para substanciar quanto para contradizer e complementar os argumentos, mas isso é uma observação de um arqueólogo. Mas, sua perspectiva filológica, de constituição de textos canônicos, não é só válida, como esclarece muito. Coaduna com as discussões antropológicas sobre transculturação, mestiçagem, trocas culturais e também dialoga com as Ciências da Religião, ainda que nenhuma dessas áreas seja o centro da sua reflexão, que é filológica. No detalhe, não há como não haver disputas, mas o quadro geral parece convincente ao leitor de mente aberta. Judaísmo, Cristianismo e Islamismo são mesclas, de múltiplas origens e influências, helênicas, persas, semíticas e muito mais. As ortodoxias são sempre produtos de processos históricos que criam narrativas de origem, excludentes dos equivocados, ou heréticos, a partir, também, de interesses de poder. Essas conclusões do ensaio parecem ser muito atinadas. Há, ainda, uma questão política, voltada para o presente, ao insurgir-se contra a islamofobia, ainda que esta palavra sequer apareça no livro. O autor, um apaixonado pelo tema islâmico de um ponto de vista laico, procura mostrar a humanidade e interligação do Islã não apenas com o Judaísmo e com o Cristianismo, mas com o Helenismo, o Zoroatrismo e além disso, ainda. Ao final, a mensagem é humanista e inspiradora: todos somos humanos.

Recebido: 3 de abril de 2019.

Aprovado: 5 de junho de 2019.